

ECONOMIA

BOLHA GLOBAL

Previsões de crescimento econômico brasileiro para 2009 começaram em fantasiosos 4% e agora chegam a 0,8%. País sofre com a seca de crédito interna e externa, provocada pela crise mundial

Expectativa piora rapidamente

RICARDO ALLAN
DA EQUIPE DO CORREIO

As expectativas de crescimento econômico brasileiro neste ano estão passando por uma rápida deterioração. Desde o fim do ano passado, organismos multilaterais, consultorias e analistas independentes diminuíram muito as projeções para a expansão em 2009. Elas saíram de 3,5% e já chegam próximo de zero. Ninguém mais acredita no otimismo do ministro da Fazenda, Guido Mantega, que continua apostando publicamente em 4%. Essa estimativa é considerada irrealista até mesmo no governo. Um número cada vez maior de economistas vê uma recessão como

novembro de 2008 para 1,8%. Para a economia mundial, a estimativa passou de 2,2% para 0,5%. O prestigiado Instituto International de Finanças (IIF) apostava em contração de 1,1% no mundo e expansão de apenas 0,8% no Brasil. Diante da piora no quadro econômico internacional e doméstico, já circula no Banco Central e na Fazenda a avaliação de que o país entrará mesmo em recessão, caindo entre 1,5% e 2% no último trimestre de 2008 e entre 0,5% e 1% no primeiro de 2009.

Na opinião do professor da Unicamp Júlio Sérgio Gomes de Almeida, os analistas que estimaram um crescimento ainda relativamente robusto no início da crise cometeram um

“A ATIVIDADE ESTÁ MUITO FRACA. O CONSUMO DAS FAMÍLIAS ESTÁ CAINDO MUITO, OS INVESTIMENTOS TAMBÉM E O DESEMPREGO AUMENTA”

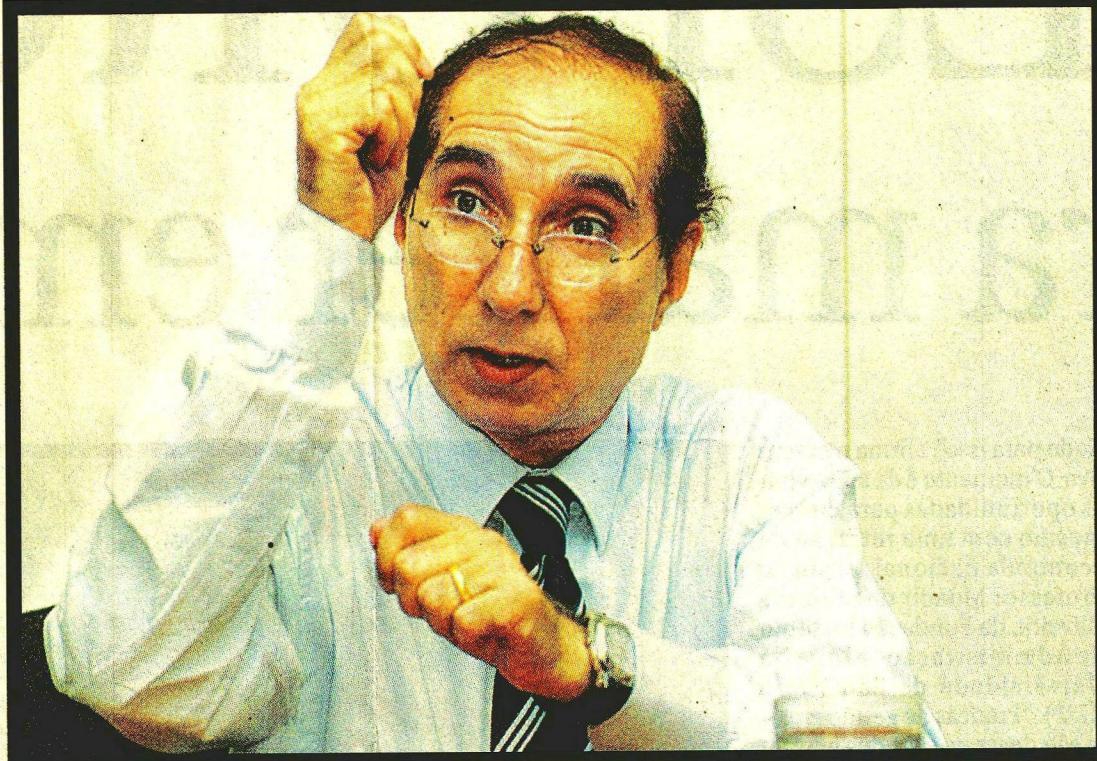
Carlos Thadeu de Freitas Gomes, economista-chefe da Confederação Nacional do Comércio

realidade provável, com contração do Produto Interno Bruto (PIB) no último trimestre de 2008 e no primeiro deste ano.

Na semana passada, duas entidades importantes anunciaram projeções ruins em relação ao mundo e ao Brasil. O Fundo Monetário Internacional (FMI) reduziu a previsão de crescimento brasileiro dos 3% imaginados em

grave erro de avaliação. Eles superestimaram os efeitos benéficos da saúde do sistema financeiro e do próprio governo. O equívoco foi considerar que esses dois fatores positivos provocariam necessariamente um reflexo negativo menor na economia real. "Entre as economias emergentes, talvez a brasileira tenha sido a que mais sofreu com a seca do crédito

Adauto Cruz/CB/D.A Press



JÚLIO SÉRGIO DE ALMEIDA, PROFESSOR DA UNICAMP: ANALISTAS SUPERESTIMARAM OS FATORES POSITIVOS NO BRASIL

to, tanto externo como interno", avalia Almeida, ex-secretário de Política Econômica.

Baque

Os bancos brasileiros reagiram de forma exagerada à crise financeira, enxugando demasiadamente as linhas de crédito e elevando as taxas de juros, afirma o economista. Dessa forma, as fontes de financiamento da expansão econômica desapareceram. Além disso, o crescimento de 6,4% acumulado até setembro foi

muito concentrado em setores que estão sofrendo muito com a escassez dos empréstimos. Dos 27 ramos pesquisados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apenas dois deles foram responsáveis por 40% da expansão no período: o automotivo e o de máquinas e equipamentos para a produção. O baque desses segmentos contribuiu para o tombo do país.

"A economia real está sofrendo muito. Por enquanto, a crise é mais forte no setor industrial,

mas está se espalhando para os serviços à medida que aumenta o desemprego. Tudo medido, o crescimento será próximo de zero neste ano", diz Almeida. O economista acredita que o PIB possa cair por dois trimestres seguidos. O que acontecerá depois disso vai depender muito do resultado das medidas que o governo está tomando: redução dos juros, aumento dos recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para financiar os investimentos

produtivos e o aguardado plano de habitação popular. "Mas nada vai fazer a economia se aquecer como em 2008."

Nas contas do economista-chefe da Confederação Nacional do Comércio (CNC), Carlos Thadeu de Freitas Gomes, o PIB deve ter encolhido 2% no último trimestre de 2008 e ficará próximo de zero neste trimestre. No seu cenário, o nível de atividade começa a se recuperar devagar a partir de maio, com a redução dos juros. Gomes previa uma expansão de 3% no início da crise, mas está revendo o número, diante da forte retração que a produção industrial está experimentando em dezembro, o indicador deve ter caído pelo menos 10%. Agora, ele estima um aumento do PIB entre 1% e 2,5% em 2009.

"A atividade está muito fraca. O consumo das famílias está caindo muito, os investimentos também e o desemprego está aumentando", afirma. Para Gomes, ex-diretor do Banco Central (BC), a deterioração da expectativa prejudica a decisão de investimentos das empresas. Se esperam uma queda na demanda, os empresários não tomam empréstimos para aumentar a produção. Isso é ruim porque o crescimento no ano passado foi impulsionado principalmente pelo consumo e pelos investimentos. Na avaliação do economista da CNC, Mantega e o BC, que apostam em 3,2%, devem reduzir as projeções quando saírem os próximos indicadores. "Crescer 4% está totalmente fora da realidade", assegura.